

BERNARDO SANTARENO O JUDEU

NARRATIVA DRAMÁTICA EM TRÊS ACTOS



António José da Silva, o «Judeu», nascera no Rio de Janeiro em 1705, de uma das famílias cristãs-novas que se tinham acolhido à relativa tolerância religiosa que as condições da colonização brasileira e o tratado de paz com os Holandeses impuseram até fins do século xvii. Com oito anos de idade, vem com o pai, que era advogado e poetava, para Lisboa, seguindo a mãe, trazida sob prisão como judaizante. Em 1726, quando já estudava Direito em Coimbra, é preso, juntamente com a mãe, que anteriormente se «reconciliara» num auto-de-fé. Sujeito a tormentos que o incapacitaram de assinar o auto durante várias semanas, «reconcilia-se» num auto-de-fé (o que volta a acontecer à mãe após três anos de prisão e tortura). Conclui a formatura em 1728, casa-se, é em 1737 novamente preso (aliás sem denúncia). O processo inquisitorial foi conduzido com especial malevolência, mas a sua leitura parece mostrar que António José da Silva não era judaizante. Apesar disso, foi condenado à morte e executado no auto-de-fé de Outubro de 1739 em Lisboa. Como sucedia a todos os condenados que declaravam querer morrer na religião católica, foi garrotado antes de acesa a fogueira. Em 1744 editavam-se dois volumes de *Teatro Cómico Português*, cuja atribuição ao Judeu foi já contestada, embora nos pareça

que um acróstico prefacial como o nome de *António Joseph da Silva* e uma breve alusão no processo inquisitorial às *composições* deste último são respeitáveis garantias de uma atribuição tradicional de autoria que só modernamente alguns eruditos põem em dúvida.

in «História da Literatura Portuguesa»,
de António José Saraiva e Óscar Lopes.

1.º ACTO

PERSONAGENS

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

PADRE PREGADOR do auto-de-fé

ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA, O JUDEU

LOURENÇA COUTINHO

INQUISIDOR-MOR

1.º INQUISIDOR

2.º INQUISIDOR

REI

DIOGO DE MENDONÇA CORTE-REAL

CARDEAL DA MOTA

PADRE SECULAR, proclamador das sentenças

ES CRAVA NEGRA

ESTUDANTE PÁLIDO

JOSÉ LAVAREDA

MARIA DO ROSÁRIO

ANTÓNIO PEREIRA DE SÁ

RAINHA

PRÍNCIPE

PRINCESA

Penitentes dos autos-de-fé; Inquisidores; Familiares do Santo Ofício; Jesuítas; Vozes de Homens e Mulheres assistentes do auto-de-fé; Homens, Mulheres e Crianças do povo; Estudantes; Raparigas de Coimbra; Servos e Servas de Lourença Coutinho; Criados e Fâmulos do Rei.

Em toda a sua extensão visível, ao fundo e aos lados, o palco está revestido por uma cortina negra que se abre apenas ao F. C., desenhando o contorno duma ogiva de vitral. Este, fortemente iluminado, tem pintado o fundador do Santo Tribunal da Inquisição, São Domingos, tal como o vemos no estandarte do Santo Ofício: A espada numa das mãos e o ramo de oliveira na outra, tudo emoldurado pelo dístico «Misericordia et Justitia». Ainda ao F. C., por baixo do vitral, um grande Cristo Crucificado e agónico, de madeira negra. Em plano mais dianteiro, também ao centro, uma mesa pétrea de altar e sobre ela alguns candelabros em prata, com as altas velas todas acesas.

À direita e à esquerda da mesa, um pouco mais avançados para o público, dois tronos sumptuosos, montados sobre estrado com degraus, de maneira a ficarem à mesma altura.

Mais próximos dos espectadores, um de cada lado, dois grandes genuflexórios de banco corrido, dispostos obliquamente e destinando-se aos réus do auto-de-fé.

À frente, ocupando os dois terços centrais do diâmetro transversal do palco, uma grade baixa.

Ainda mais perto do público, situando-se à extrema D., ou E., cerca de três metros acima do pavimento cénico, um púlpito de igreja cujo bojo avança mesmo sobre a orquestra.

Durante alguns segundos, com o palco ainda em obscuridade completa, ouve-se o EXURGE DOMINE ET JUDICA CAUSAM TUAM, cantado poderosamente por um coro masculino. Sinos de catedral.

Luz sobre o púlpito. Silêncio. Todo o restante dispositivo cénico, tal como as personagens que nele figuram, continua em obscuridade.

PADRE PREGADOR *(Dirigindo-se aos espectadores de «O Judeu», que, nesta cena, funcionam como assistentes do auto-de-fé.)*
 Ai, irmãos, meus muito amados nas entranhas benditas de Nosso Senhor! Ai, cristãos, herdeiros da justiça e da misericórdia divinas! Vinde e contemplai comigo a fera bruteza da herética pravidade: Pior que a lepra do corpo, que nos apodrece as carnes, nos rói os ossos, nos bebe a luz dos olhos e nos desfibra a raiz da fala... pior que a lepra do corpo, é a lepra da alma — o pecado mortal. Uma criatura humana em pecado mortal: Um túmulo nojento, engravidado pelo pus e mais sumos da podridão, pelos vermes inchados, pelos répteis venenosos! O pecado; os vossos pecados, meus irmãos! Ai, os vossos pecados mortais!... *(Vindo da assistência, ouve-se um choro de mulher aflita.)* Eu sei, amados meus, eu sei: Os vossos, são os pecados da humana fraqueza... Ide, correi a lavá-los nas águas sempre virgens do Santo Sacramento da Penitência. Elas vos restituirão à dignidade de membros do Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo. *(Iracundo:)* Mas o pecado de heresia não é fraqueza, antes força: Força pertinaz e convicta, a que o sémen maldito do Demónio dá a erecta contundência!... Quem? Quem haverá aqui

capaz de dizer «Não!» a Nosso Senhor Jesus Cristo?! Quem ousará dizer-lhe «Não!», de coração frio e mente serena, uma vez quebrada a escama ardida com que o Diabo lhe venda os olhos? Quem?!... *(Silêncio, durante o qual os seus olhos incendiados dardejaram o auditório. Subitamente brando, dulcíssimo:)* Jesus Cristo! O Cordeiro Virginal! O Santo dos Santos! Deus Incarnado! Jesus-Amor! Jesus Crucificado!... *(Enérgico, com toda a indignação do amor ofendido, aponta o Cristo Negro do F. C. que, progressivamente iluminado, surgirá visível aos espectadores.)* Olhai, irmãos, contemplai o mais horrendo quadro que olhos humanos já viram: Jesus pregado na Cruz; Deus Crucificado! A divina cabeça rasgada pelos espinhos do escárnio, os pulsos e os pés trespassados com ferocíssimo impulso, a chaga do lado aberta sem dó nem piedade... Lobos, negros lobos vorazes, focinhos empedernidos que os beijos do Demónio beijaram!... Matadores de Deus!! Olhai, irmãos meus, contemplai comigo o crime dos inimigos da Fé: Jesus Agonizante na Cruz! *(Debruçando-se mais para a assistência:)* Torturar em tormento esperto, matar o Criador da Vida! Cegar a Luz do Mundo! Odiar sem trégua Aquele que é o mesmo Amor! Desfigurar feição por feição — ai, paradoxo infernal! — Aquele que é, e sempre será até ao Juízo Final, a matriz de toda a Beleza!... Lobos raivosos, panteras sanguinárias... *(Apontando para os réus, com voz de estentor:)* Judeus! Raça de víboras! Raça maldita dos Judeus!! *(Pouco a pouco surgem da sombra os penitentes do Santo Ofício: De pé, ao longo dos dois genuflexórios, descalços e de cabeça descoberta, envergando uma espécie de hábito negro sem mangas; alguns*

vestem sobre este hábito um sambenito com línguas de fogo pintadas; todos empunham na mão direita um círio aceso. Ao lado e um pouco atrás de cada réu, está um fidalgo Familiar do Santo Ofício; junto dos que se destinam à fogueira, também um Padre Jesuíta. Rumor hostil do povo exaltado.) Sobre o crime nefando dos judeus deicidas passaram mil anos, mais quinhentos, mais duzentos ainda... e eles continuam surdos aos apelos terníssimos de Nosso Senhor, planeando — hoje como outrora... — o sangradouro da Sua divina carne! Hoje como dantes, podeis vê-los diante daquela Santa Imagem (*aponta o Cristo Crucificado*) trincando as surdas orações do ódio, mil serpentes de sombra traiçoeira escoando-se-lhes dos olhos vis...! Hoje como outrora, podeis vê-los diante da Divina Figura de Jesus Crucificado, ougados de vício nefando, a baba pestilenta da fornicção demoníaca escorrendo dos seus danados beijos...!

VOZ DE HOMEM DO POVO (*Entre os espectadores.*) Ao queimadeiro! Façam a barba aos cães judeus!...

PADRE PREGADOR (*Impondo silêncio.*) Judeus conversos? Cristãos-novos? que venham, sus! A Santa Madre Igreja abrir-lhes-á as suas portas com repique de sinos alvissareiros, beijar-lhes-á as faces, enxugar-lhes-á os pés!... (*Com ódio ateados nos olhos:*) Mas que dispam as imundas vestes hebraicas antes de entrarem! As vestes manchadas com o Sangue bendito de Nosso Senhor... Que as dispam resolutos, sem impostura, nem disfarce!! Ai, irmãos meus muito amados, desgraçadamente — sei-o eu,

sabei-lo vós — tal cousa não acontece, as mais das vezes: A máscara «cristão-novo» esconde um judeu velho, um herege relapso, hipócrita, diminuto e obstinado, morada fedorenta do Demónio, profanador irremisso do Sacramento do Baptismo! E são estes heresiarcas — verdugos do Senhor, matadores de Jesus! — que possuem a grossura desta terra, onde habitam com mais folgança que muitos de vós, seus naturais: Os judeus — eles são praga, neste infeliz reino! — não lavram, nem plantam, nem constroem, nem guerreiam... Qual quê?! Vivem do trabalho suado dos outros, sem esforço dos membros próprios, ociosos e cozidos de todas as manhas!... Como os ratos correm ao queijo, eles vão de desgraça em desgraça, de miséria em miséria: Enganam, corrompem, roubam... E desta sorte, ainda por cima, acham mando, honra, favor e dinheiro! Nunca houve, não há, nem jamais haverá, nação mais inclinada à usura que a nação judaica: Já o disse São Jerónimo, já o gritava Santo Agostinho!

Porque vos admirais, cristãos, porque vos admirais do mar de fome e moléstias, de crime e concupiscência que afoga este reino?! Esta terra foi lavrada para a semente demoníaca dos hereges, a gangrena alastra das chagas horrendas que nela ferem protestantes e feiticeiros, iluminados e mais desquitados, místicos e materialistas averroístas, judeus... ai, judeus, judeus! (*Teatral, retórico:*) Acudi-nos, Senhor, salvai-nos e salvai Portugal! (*Com fúria santa:*) Judeus, heresiarcas hediondos, açoutes de Deus!! (*Clamor do povo.*) Ano após ano, as colheitas dos vossos campos cada vez mais se vos negam de secas e

minguadas: Porquê? Porquê, se o sol, mais os ventos e as chuvas lhes correm de feição?! Castigo, amados irmãos nas entranhas benditas de Nosso Senhor Jesus Cristo, castigo de Deus! Justiça divina tombada sobre este reino em cujos intestinos medra a heresia nefanda, crescem e recrescem os inimigos da Fé! Castigo de Deus!! (*Rumor agressivo do povo.*) O Senhor é justiça; e é misericórdia: Foi em hora de infinita misericórdia que Ele, em sonhos, segredou ao coração e ao pensamento duma santa, humilde e meiga mulher, os alicerces da obra salvadora que, sem quebra de alento, a todo o instante devemos louvar e bendizer: Falo, bem o sabeis, do Santo Tribunal da Inquisição e da piedosa mãe do seu glorioso fundador, São Domingos. Pomba mística, estrangeira no mundo, que ela atravessou sempre curtida pelas soidades do Céu, Nosso Senhor escolheu esta mansa mulher para mensageira da sua misericórdia; esta santa mulher, o seu dulcíssimo coração levedado em ternura, a sua claramente bem fundo lavrada pela Graça Divina: Foi desta pequenina e delicada flor que nasceu a grande, bela, jucunda, invencível e purificadora fogueira do Santo Ofício! Mistérios do insondável amor de Deus... (*Desde o começo das referências à Inquisição, a luz irá focando, primeiro os dois Inquisidores, logo depois o Inquisidor-Mor.*) Ó sonho misericordioso, do Santo Espírito inspirado! Ó poder incomensurável da caridade de Deus! Se é pelos frutos que a árvore se conhece, contemplai comigo as benesses deste Santíssimo Tribunal: Quantos autos-de-fé, como este solenes, como este esplendorosos — ai, cristãos, olhai que todo o ouro, todo o incenso, a mirra toda da

Terra, pouca cousa são, quando postos em oferenda no altar em que se glorifica a Justiça de Deus! — quantos autos-de-fé, dizia eu, se têm alevantado pelo mundo além, desde que São Domingos, ardendo em zelos divinos, ateou a chama da primeira fogueira? Fogueira por Deus assoprada; penitência de amor. Que faria um de vós, irmãos muito queridos, que faria aquele de vós a quem a gangrena apodrecesse um dos tenros membros no corpo estremecido dum filho? Logo acharia valor e coragem para, dum golpe só, lho cortar; não o credes? Com todas as fezes da dor no coração; bebendo até à gota derradeira o fel e o vinagre... Mas a ânsia de salvar a vida da cria, sobre tudo isto cavalgará! Desta sorte, procede o Santo Ofício com aqueles infelizes (*aponta os réus*) quando, esgotados todo o mel da doce persuasão, todo o amargo travo do santo temor, os condena ao queimadeiro, relaxando-os em carne ao braço secular. Quantos corações, empedernidos por férreo orgulho satânico, amolecem e se fundem em Deus, apenas nesta derradeira hora, quando as chamas já lhes beijam as carnes fornicadoras? Quantos?!... (*Para os réus, pondo as mãos, no estilo e com a mímica «mater dolorosa»:*) Porque porfiais em guerrear Deus Nosso Senhor, que tudo pode, tudo tem e tudo vos dará?! Olhai que o tormento e morte na fogueira pequeno, mesquinho e vil preço é, para o que com ele podereis comprar: A Vida Eterna! Porque porfiais? Porque regateais com Deus?! Quebrai as grades do vosso coração, deixai entrar o Senhor: E os lenhos ardentes vos parecerão pétalas de rosa, o fogo alteroso doce brisa de Primavera! Olhai que... (*Do grupo dos*

réus, destaca-se José Lavareda, num movimento irreprimível, tenso de energia. Veste o hábito dos que vão ser relaxados ao braço secular para serem queimados: O seu sambenito, além de chamas com a ponta virada para cima, apresenta ainda pintado um tosco retrato da sua cabeça, sobre uma amálgama de répteis e cães de fauces escancaradas.)

JOSÉ LAVAREDA *(Vibrante, para a assistência, gritando a sua profissão de fé.) O cristianismo é falso! E falso o seu messias, Jesus Cristo!!... (Alguns familiares do Santo Ofício precipitam-se para José Lavareda, tentando tapar-lhe a boca. Para o Padre Pregador:) Falsas... falsas as tuas palavras!... (Para o público, debatendo-se ainda:) Chegou o tempo... Preparai-vos!... O verdadeiro Messias vem aí!!... (Os Familiares conseguem dominá-lo, amordaçando-o e reconduzindo-o ao lugar que ocupava entre os penitentes. Rumor alteado do povo. A iluminação do grupo dos Inquisidores atingiu agora o seu máximo: o 1.º e o 2.º Inquisidores, este principalmente, exteriorizam surpresa e indignação; o Geral mantém-se imóvel, inalterável a rigidez do seu rosto, apenas redobrado o brilho profundo e gelado dos olhos negros.)*

PADRE PREGADOR *(Reagiu à revolta de José Lavareda colericamente, dardejando-o com olhares apocalípticos. Retoma o sermão, com uma calma rumorosa de ódios.) É verdade incontroversa ser a misericórdia de Deus desmesurada, para a pobre medida do humano coração. Mas não é menos verdade, tanto como a primeira incontroversa, ser o ódio de Deus também desmesurado, absoluto: Não o esqueçais nunca, meus irmãos! (Fúria desencadeada:) Porque todos*

aqueles imundos — hereges, relapsos, apóstatas, dogmatistas, contumazes, negativos... — que, até ao momento último, negarem o Santo Nome de Jesus, obstinados e robustecidos com as negras forças de Satanás, esses, meus irmãos, esses, malditos dos homens e de Deus, descerão do fogo da Santa Inquisição para o fogo eterno do Inferno! Per omnia saecula saeculorum! Choro e ranger de dentes para os heresiarcas, sofrimento infundo para os amantes do Diabo!!! (*Clamor assanhado do povo. O Pregador silencia-o pelo gesto; de súbito untuoso, melífluo:*) Deus é misericórdia; misericórdia infinita. E assim como permite o mal, nos dá a mezinha: O Santo Ofício, o Santo Tribunal da Inquisição! Cárcere, potro, polé, excomunhão, confisco de bens materiais... a fogueira!, eis os remédios benditos da sua panaceia salvadora: Ai, irmãos, quantas almas terão sido limpas da lepra herética com esta santa botica? Quantas terão sido salvas para a Eternidade?!... Como a madre amantíssima embala em seus braços o filhinho doente, com ele sofrendo o destempero das febres ruins, com ele saboreando o azedo das ervas curandeiras, assim a Santa Inquisição embala os míseros hereges; assim, com desvelado zelo na esperança curtido, lhes trata da saúde da alma! E mesmo quando a montanha encrespada do satânico orgulho resiste à provada eficácia dos seus revulsivos medicamentos, quando o Santo Ofício tem de rebaixar ao braço secular — com quanta dor, irmãos! — estas denegridas almas, ainda nestes aflitos extremos, o Santo Tribunal da Inquisição, de joelhos e com as mãos postas, não resiste em implorar para os hereges impenitentes

a clemência dos reais juizes: Repetidamente lhes pede «com muita eficácia e instância se hajam com eles benigna e piedosamente e não procedam a pena de morte nem efusão de sangue»... Grito de maternal e subido amor, este instante rogo da Santa Madre Inquisição: Como uma mãe à qual a mente clara e temerosa diz estar o filho estremecido das suas vísceras condenado e moritço, mas à qual o coração porfia em esse juízo negar, assim o Santo Ofício relaxa ao braço secular o herege relapso, convicto e diminuto, sabendo de ciência certa ser a fogueira o fim das suas passadas, mas — ai, a dor dum coração de mãe! —, mas sem ânimo nem afoiteza para tão triste destino aceitar! (*Para os réus, em rasgo de oratória teatral:*) Olhai, hereges e desquitados, pesai bem os vossos feros corações, quanto por amor das vossas almas perversas, guerreia e padece a Santa Inquisição!

Honra, graças e louvor aos Santos Inquisidores e seus nobres Familiares! (*Reverência*) Honra, graças e redobrado louvor ao Reverendíssimo Padre Inquisidor-Mor! (*Vénia mais profunda e demorada, dirigida ao Geral da Inquisição. Este limita-se a agradecer com um leve e frio baixar da cabeça, inalterável sempre a expressão facial. O Padre Pregador pigarreia e continua o sermão, dirigindo-se mais uma vez aos réus:*) Ovelhas tresmalhadas do cristianíssimo gado português! Vós, desgraçados! Vós, rebeldes pertinazes! Vós, a quem o Santo Ofício relaxou ao braço secular, despi-vos de vãs esperanças enganosas: O fogo vos consumirá carne e osso; de vós sobejará tão-só um punhado de cinzas; cinzas que o vento e o mar esguedelharão até serem nada... nada! Como poderia a justiça d'El-Rei ir mais

longe que o Santo Tribunal, em prática de misericórdia? Como poderia o braço do século sentenciar doutr'arte que não a do Santo Ofício, se o supremo Juiz de ambos o mesmo é — Nosso Senhor Jesus Cristo?! Ai, irmãos, nesta concordância e similitude se gera e nasce o maior título de glória da Nação! Tem este Reino dois pastores, unidos ambos num mesmo zelo apostólico, ambos ardendo na chama indivisa do mesmo Santo Espírito: A Madre Igreja, e no seio d'Ela o Tribunal da Inquisição; e o Rei, por direito divino encarnado na Magnânima, Cristianíssima e Fidelíssima Pessoa de Sua Majestade... *(Vénia profunda. O Rei surge agora iluminado, tal como o Cardeal da Mota e Diogo de Mendonça que lhe servem de comitiva. Ao pretender corresponder ao cumprimento do Padre Pregador, D. João V, nesta idade já bastante obeso, sofre um ataque de tosse brônquica, de maneira que do seu rendado peitilho se desprende, e cai no chão, o rico broche que o ornamentava. Logo pressurosos acorrem dois Familiares que, de cócoras, procuram a jóia, recolocando-a measureiros nos bofes de Sua Majestade: Este deixa-os fazer, displicente, taful, mimado. Enquanto dura esta cena, o Padre Pregador suspende o sermão: Os olhos presos no Rei, aguarda, compondo no rosto uma máscara de cuidado, expectante e aflito. Resolvido o acidente, os Familiares voltam aos seus lugares. Logo, aliviada, se alegra a expressão do Pregador. Continua o sermão:)* É por direito divino — permiti, irmãos muito amados, que vo-lo rediga! — que Sua Majestade está à testa da governança deste Reino. Por direito divino, cristãos, por direito directamente emanado da vontade onnipotente de Deus Nosso Senhor...! *(Nesta altura, o Rei tem um novo ataque*

de tosse. O Pregador interrompe-se mais uma vez. O Cardeal da Mota apressa-se em acudir ao Rei, batendo-lhe nas costas: Mais vermelhusca e pletórica ainda, Sua Majestade esvai-se em cuspo e ranho. A medo, o Padre Pregador recomeça:) Tal como Jesus Cristo, o Divino Pastor, deu a sua Igreja às cinco partidas do mundo... *(terceiro ataque de tosse do Rei. Nova suspensão do Pregador)*... às cinco partidas do mundo, para que Ela seja, pelos séculos afora, a Sua Voz e o Seu Gesto, assim também... *(Sua Majestade espirra estrepitosamente. O Pregador cala-se, a custo disfarçando a impaciência. De cabeça baixa, aguarda. Quando lhe parece ter amainado a tempestade das reais assoadelas, retoma dignamente a postura erecta. E continua, receoso:)* assim também... *(perdeu o fio à meada; pigarreia confuso; decide-se e ataca «forte»:)* Olhai, irmãos meus, nas entranhas benditas de Nosso Senhor, contemplai com unguido gozo, cantai em hossanas de alegria a glória deste espectáculo mais que outro precioso: A Santa Inquisição e a Real Governança da Nação uma à outra unidas, como a Esposa ao Esposo amado! *(O Rei, risonho e enfatuado, olha ternamente para o Inquisidor-Geral. Este, imóvel e sempre impassível, não se dá conta.)* Tal como à esposa e ao esposo, no manso segredo do tálamo conjugal, a espertina dos muitos cuidados rouba o repouso do sono, ora a um, ora a outro arrancando quentes palavras do vigilante amor do qual são princípio e fim os filhos que ambos geraram, assim também a sorte temporal e a salvação eterna das lusíadas ovelhas roubam lazeres e folganças a Sua Majestade o Rei e a Sua Reverência o Inquisidor-Geral, Um e Outro porfiando na fazedura do comum bordado, do

qual as linhas com que o cosem são o apostólico zelo, o santo temor, o doce recado, o clarividente aviso... Ai, cristãos, quão formoso isto é, quão levedado em promessas, quão santo e magnífico!

Dois Pastores para o lusíada rebanho; dois Pastores, mas um só e sempre o mesmo cajado. Bênção do Céu, graça divina!

(*Untuoso, maternal, efeminado:*) Esta ovelhinha, nua do natural agasalho, por demais tosquiada, perde o tino, foge do rebanho e ousa aventurar-se no negro bosque onde tudo são lobos e perigos? Logo os dois Pastores, cada qual pela sua banda, porfiadamente a procuram e, achando-a, com os santos unguentos que conheceis lhe tratam da saúde, com doces e próprias palavras do Evangelho a admoestam e cuidam de trazer ao rebanho: Olhai, ovelhinha perdida — diz um, diz o outro Pastor, dizem talvez ambos num mesmo fôlego de amor —, olhai que mais fácil é a um camelo passar pelo fundo duma agulha que a um rico entrar no Céu! Porque então te queixas da tua pobreza? Porque invejas a abastança dos ricos?! Ai, como és ingrata, douda ovelhinha! que mal agradeces a Deus o dom inefável da santa pobreza!... Sucede agora que aquela outra, de tão gorda, de tão carregadinha de lã, se deixa ficar para trás, logo se perdendo da grossura do outrora manso gado português? Prestes, acodem os dois incansáveis Pastores, e dum mesmo amoroso esforço a salvam, tosquam brandamente, e de joelhos confortam!... Sim, irmãos, não deveis esquecer que, mais que benesse, a riqueza é provação: Os ricos são como ovelhinhas pesadas, para

as quais todo o caminho é lonjura e toda a sombra um perigo. A vós, ricos que me escutais, daqui vos exorto a que tudo, tudo façais — exercícios de perfeição, preces fervorosas, cilícios de penitência... — a fim de assim poderdes suportar o peso de tanta lã, o peso da vossa cruz... tão grande! Ai, quanto me doem o perigo e as ciladas que, coitados de vós, sem culpa própria correis: Inveja, roubo, fornicção, morte... com todos estes males o mundo vos ameaça! Com quanto amor, com quanto cuidado vos sigo na subida do vosso calvário!... *(Silêncio em que contempla a assistência amorosamente, com transbordante piedade.)* Portugueses, cristãos muito amados nas entranhas benditas de Nosso Senhor, é verdade que o nefando pecado heresiarca empesta este Reino? Que a muitos já tocou e a muitos mais intenta pegar-se? É verdade. É desgraçadamente verdade. Contra a heresia maldita, deveis pois alertar-vos, a toda a hora e momento; por causa dela, tudo e todos temer; para a sacudirdes de vós, de tudo e de todos desconfiar. E, todos, cegamente cuidareis de buscar amparo e fortaleza, ao abrigo do estandarte invencível do Santo Tribunal da Inquisição, ao qual vos obrigareis a denunciar, como mandamento primeiro e sob pena de excomunhão maior, todo o suspeito herético, ainda que ele seja pessoa da vossa estima, protecção ou carnal parentesco — pai, mãe, irmão ou filho! Sim, amados meus, a herética perversão é uma verdade neste Reino de Portugal. Mas verdade é também, visível e provada, ter o Senhor de Misericórdia pousado os Seus Divinos Olhos sobre esta Nação: Sobejas razões naturais e abundantes graças sobrenaturais no-lo

auguram e mostram já de forma encorpada. Por isto vos incito, a vós, portugueses — nobreza, clero e arraia-miúda; ricos e pobres; virtuosos e pecadores... até a vós, hereges desquitados! —, por isto vos rogo e forço a que, confiando, tenhais esperança. Sim, cristãos, confiai os vossos humanos negócios à magnanimidade de Sua Majestade; esperai a vossa eterna salvação da misericórdia e da justiça do Santo Ofício! E, desta sorte, achareis porto seguro. Guiados pelos dois providenciais Pastores a quem Nosso Senhor confiou o grosso rebanho do gado lusíada, um Real Administrador dos terrenos corpos, o outro Inquisitorial Guardiã das imortais consciências, um e outro unidos em estreito abraço redentor, um e outro ajoelhados aos pés de Jesus Cristo (*luz vermelha sobre o Cristo Crucificado do F. C.*), um e outro brandindo a espada da Justiça numa das mãos, e na outra o tenro ramo de oliveira... assim, sabiamente conduzidos, assim com muita caridade tosquiados, assim com eficácia provadíssima medicados contra as doenças da contradição, assim, em curto tempo, cantaremos o glorioso «Magnificat» que há-de celebrar a vinda ao mundo do Reino de Deus, o Reino de Deus em Portugal!!! (*Toque estridente de clarins.*)

Glória a Deus, Pai, Filho e Espírito Santo!

POVO Glória à Santa Madre Igreja, Católica, Apostólica e Romana!

PADRE PREGADOR Glória ao Santo Tribunal da Inquisição!

POVO Glória a Sua Reverência, o Inquisidor-Geral!
(O Inquisidor-Mor está de pé: Muito direito, rígido, quase incorpóreo; impressionante.)

PADRE PREGADOR Glória ao Reino de Portugal e dos Algarves,
d'Aquém e d'Além Mar!

POVO Glória a Sua Majestade o Rei!
(O Rei levanta-se: Senhoril, altaneiro, passeando os olhos pela multidão.

Recomeçam os sinos das catedrais de Lisboa. Escutado de pé pelo Rei, pelo Inquisidor-Mor e por todos os presentes, volta a ouvir-se o canto EXURGE DOMINE ET JUDICA CAUSAM TUAM, cantado pelo mesmo coro masculino. O canto acabado, o Rei e o Inquisidor-Geral tornam a sentar-se. O Padre Pregador desce do púlpito, após ter reverenciado o altar, o Rei e o Inquisidor; dirige-se para o fundo-lateral, onde fica de pé. Silêncio expectante, sussurrado: Os réus do Santo Ofício mostram-se mais inquietos, transparece mais vivo o terror que os possui. Do fundo de cena destacam-se três Inquisidores e um Padre Secular: Este último sobe ao púlpito, para proclamar as sentenças; o primeiro dos Inquisidores vai colocar-se de pé, de face para o público, sobre os degraus do altar: mostra, aberto de par em par, um grande livro dos Evangelhos, com encadernação e fechos de ouro; os dois Inquisidores restantes dispõem-se um de cada lado do porta-Evangelho, em plano um pouco superior ao deste, também sobre a escada do altar: tanto um como o outro seguram na mão erguida um candelabro argênteo, com as velas acesas.)